

## REMINISCÊNCIAS DO PASSADO ESCRAVOCRATA BRASILEIRO NAS OBRAS *PONCIÁ VICÊNCIO E LEITE DO PEITO*

Omar da Silva Lima<sup>1</sup>  
Secretaria da Educação do Distrito Federal - SEDF  
omasl@hotmail.com

### Resumo

As obras *Ponciá Vicêncio* e *Leite do Peito*<sup>2</sup>, de Conceição Evaristo e Geni Guimarães, respectivamente, giram, também, em torno da revisão da história oficial da escravatura a partir da visão de subalternidade das personagens de ambas as escritoras, em que algumas reagem a essa condição e refletem aspectos da Diáspora Africana em suas vivências no universo diegético. Neste trabalho exploro os acontecimentos que remetem diretamente algumas personagens e o leitor para o período escravocrata brasileiro e, em se tratando das personagens, mostro como as experiências de seus ancestrais africanos escravizados afeta a vida delas no presente devido ao processo diaspórico. De fato, faço um diálogo entre estrutura narrativa e marcas de etnicidade afro-descendente, contudo quero ressaltar que o mesmo não se trata do estudo da forma das obras aqui selecionadas, mas do conteúdo escravocrata rememorado pelas escritoras através, principalmente, de Vô Vicêncio e do pai de Ponciá, sendo esta o elo entre passado e presente em *Ponciá Vicêncio* e de Vó Rosária, em *Leite do Peito*.

**Palavras-chave:** *Ponciá Vicêncio*, *Leite do Peito*, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, escravidão brasileira.

### Introdução

Na releitura crítica do período escravocrata, as autoras Conceição Evaristo e Geni Guimarães mesclam em suas narrativas *Ponciá Vicêncio* e *Leite do Peito*, respectivamente, o passado e o presente.

Em *Ponciá Vicêncio* esta releitura é mais contundente pela presença de um remanescente escravo familiar, o Vô Vicêncio, que surge como personagem emblemático que marcará toda a vida da personagem principal. Ele é o símbolo de uma revolta silenciosa e impotente contra a vida de escravo no canavial, sem direitos e que vendo os filhos nascidos na Lei do Ventre Livre ser vendidos, foi tomado pelo desespero, mata a mulher e começa a se automutilar, decepando uma das mãos, é socorrido, mas enlouquece.

Já em *Leite do Peito*, o passado é retratado através da presença de Vó Rosária, memória viva do passado, cujas histórias relatam bondade, religiosidade e bravura dos escravos diante dos maltratos, sedimenta na criança Geni o respeito pelos seus antepassados. Quando mais tarde a visão contrária disso atinge a menina negra Geni no

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Brasileira pela UnB.

<sup>2</sup> Ao longo deste artigo estas obras aparecerão com as abreviaturas PV = *Ponciá Vicêncio* e LP = *Leite do Peito*.

período escolar, atinge-a apenas em sua crença sobre a história dos negros, não em seu comportamento psicológico e social, similar a Ponciá, como se verá a seguir.

### 1 – Ponciá Vicêncio: elo e herança do passado

Conceição Evaristo estabelece a personagem-título Ponciá Vicêncio como elo e herança do passado escravocrata no romance. Isso não acontece de forma explícita e imediata. A protagonista vai perdendo, gradativamente, o contato com o mundo exterior, com o presente e empreende uma viagem cada vez mais forte interiormente. Esse é o modo como a autora funde os tempos no ser da personagem e, em questão de minutos, transporta o leitor para o passado e, na mesma fração de tempo, o traz de volta para o presente, de acordo com o fluxo da consciência de Ponciá.

Dessa forma, o romance se desenvolve em dois planos comuns às narrativas: primeiro o da **história**, acompanha a trajetória de Ponciá Vicêncio e segundo o do **discurso**, o mistério que se cria em torno da herança deixada pelo Vô Vicêncio para Ponciá, ou seja, a presentificação dele na protagonista como imagem do passado escravocrata dela. Assim, as ações da narrativa acontecem no tempo cronológico, mas não de maneira linear, marcadas, mas por cortes e aspectos psicológicos quando, nas lembranças da Ponciá, o passado do avô e do pai, este à época menino, é apresentado no enredo.

Segundo Henri Bergson (1999, p. 209), no

que diz respeito à memória, o papel do corpo não é armazenar as lembranças, mas simplesmente escolher, para trazê-la à consciência distinta graças à eficácia real que lhe confere, a lembrança útil, aquela que completará e esclarecerá a situação presente em vista da ação final.

Ponciá Vicêncio, com seu corpo inerte, muitas vezes, à janela de seu barraco, parece selecionar das lembranças armazenadas, aquela que esclarecerá, talvez, o motivo de seu vazio, de seu alheamento. É esta “lembrança útil” do avô que, se não esclarece para a protagonista a “situação presente”, devido ao seu alheamento, vai esclarecer para o leitor a situação futura da personagem “em vista da ação final”, ao regressar para o espaço de origem.

Vô Vicêncio, sua esposa e filhos, exceto os vendidos, conviveram na mesma fazenda em que vive a protagonista. Diferente dos outros filhos, o pai de Ponciá Vicêncio não morava na senzala, mas na casa-grande. Habitar o espaço mais privilegiado do lugar não representava nenhuma vantagem para o rapazinho. Este, que é

[filho] de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. (PV, p. 14)

Era comum nas casas-grandes coloniais os meninos e as meninas receberem de presente, para lhe servir de “amigo-brinquedo”, um escravo do mesmo sexo e idade. Assim, “[crescem] juntos e o escravo torna-se um objeto sobre o qual o menino exerce os seus

caprichos”, incluindo censura e punição (FREYRE, 2004, p. 419).

O sinhô-moço, talvez por observar o comportamento agressivo do pai no manejo com os escravos, não tinha a menor compaixão e respeito por seu pajem. Certa ocasião,

O coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. (PV, p. 14)

Tal atrocidade deixou o pajem com mais ódio ainda do pai, o Vô Vicêncio. “Se eram livres, por que continuavam ali?” (PV, p. 14). Aquela criança negra não podia entender que a abolição foi, em essência, um arranjo político-econômico da burguesia dominante para agradar a Inglaterra, de quem éramos devedores. Assim, muitos senhores de terra criaram o artifício de doar um pedaço de terra aos chamados ex-escravos, como uma forma de continuar a explorar-lhes o trabalho, sem pagamento; depois os descendentes dos ex-senhores vão progressivamente retomando a terra doada, por meio de outros artifícios como vemos claramente em *Ponciá Vicêncio*.

Na época “[os] engenhos de açúcar enriqueciam e fortaleciam o senhor. Sangue e garapa podiam ser um líquido só.” (PV, p. 50). Antes da humilhação sofrida pelo pai de Ponciá Vicêncio, o avô da protagonista e seus familiares viveram anos e anos nessa lida até três ou quatro dos filhos de Vô Vicêncio, nascidos do ventre livre, como muitos outros, serem vendidos. O fato deixou Vô Vicêncio desesperado e demente, levando-o a cometer uma barbárie:

Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele, independentemente do seu querer. Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Tornou-se um estorvo para os senhores. Alimentava-se das sobras. Catava os restos dos cães, quando não era assistido por nenhum dos seus. (PV, p. 50-51)

Segundo Manolo Florentino e José Roberto Góes (1997, p. 80-81), embora parte da historiografia ressalte erroneamente o desregramento familiar nas relações afetivas e familiares entre os escravos; muitas vezes estes laços, mesmo quando não sancionados, deveriam ser respeitados por todos, sob pena da parte ofendida fazer justiça com as próprias mãos, abandonando a posição de cativos e assumindo a sua condição de homem ou mulher, como qualquer outro. Assim, o pai de Ponciá foi quem salvou Vô Vicêncio da morte. Restando na família apenas os dois e sem a menor possibilidade de o pai ser aproveitado na lavoura, por ser cotó, o pajem não tinha outra opção, deveria mesmo permanecer ali e viver subjogado pelos caprichos maldosos de seu jovem senhor.

Entretanto, o jovem senhor quis variar a brincadeira e testou uma curiosidade, talvez, ouvida antes sobre a incapacidade de aprendizagem do negro e

[um] dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou de que o negro aprendia, parou a

brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? (PV, p. 15)

Mesmo que a intenção de o sinhô-moço fosse apenas testar a capacidade de aquisição da escrita de um negro, o pai de Ponciá Vicêncio provou ter condições de ir além da decodificação das letras. Não reconhecer a capacidade intelectual dos negros e nem enxergar um horizonte mais amplo para a negritude acha-se entranhado no subconsciente de muitos brancos até hoje – “Mas o que o negro ia fazer com o saber do branco?” – e assim, “[o] pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber” (PV, p. 15).

A falta do conhecimento letrado prejudicou não somente o avô e o pai de Ponciá Vicêncio, mas também os outros moradores daquelas terras do engenho de açúcar. Depois que a Lei Áurea foi assinada, o Coronel Vicêncio ofereceu um pedaço de terra para os negros estabelecerem moradia e ali plantar seus sustentos, mas “[uma] condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar” (PV, p. 47) nas terras dele. Cumprir com esta exigência custou ao negro iletrado o ludibriamento pelo Coronel Vicêncio. Ponciá,

[desde] pequena, ouvia dizer também que as terras que o primeiro Vicêncio tinha dado para os negros como presente de libertação eram muito mais, e que pouco a pouco elas estavam sendo tomadas novamente pelos descendentes dele. Alguns negros, quando o Coronel lhe doou as terras, pediram-lhe que escrevesse o presente no papel e assinasse. Isto foi feito para uns. Estes exibiram aqueles papéis por algum tempo, até que um dia o próprio doador se ofereceu para guardar a assinatura-doação. Ele dizia que, na casa dos negros, o papel poderia rasgar, sumir, não sei mais o quê... Os negros entregaram, alguns desconfiados, outros não. O Coronel guardou os papéis e nunca mais a doação assinada voltou às mãos dos negros. Enquanto isso, as terras voltavam às mãos dos brancos. Brancos que se fizeram donos desde os passados tempos. (PV, p. 61-62)

Os negros estavam livres pela Lei Áurea, mas presos economicamente ao domínio escravocrata do Coronel Vicêncio que, agindo dessa forma, encontrou uma maneira de burlar a Lei e continuar mantendo o regime de escravidão em suas terras. E, assim,

[o] tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno [o do Coronel Vicêncio]. (PV, p. 47-48)

O passado dos ancestrais de Ponciá Vicêncio determinou, em parte, o futuro dela, que crescera na pobreza e sem educação formal. Porém consciente de que tanto a produção agrícola quanto as terras tudo tinha dono, os brancos, enquanto “[os] negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida” (PV, p. 82). No presente, Ponciá Vicêncio vive dominada por certo desânimo porque, quando nos subterrâneos de suas memórias, afloram as agruras que os seus já passaram, não vê glória nenhuma nos percursos deles e nem no próprio, pois

[de] que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? Ele, num ato de coragem-covardia, se rebelara, matara uns dos seus e quisera se matar também. O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela [Ponciá] era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (PV, p. 83-84)

Os fragmentos citados do romance *Ponciá Vicêncio* contribuem para a significação da obra de denúncia, de exploração, de malogros e frustração dos personagens. Juntando estas partes aos outros acontecimentos da vida de Ponciá Vicêncio, no final da história, o emaranhado de situações se organiza diante de um leitor que, então, poderá compreender um dos propósitos desta narrativa de Conceição Evaristo, que é o de apresentar, segundo a sua ótica, o período de escravidão e lhe proporcionar momentos de reflexões sobre as marcas profundas deste período nos afro-descendentes. Dessa forma, Conceição Evaristo recupera, em sua obra, a “herança” deixada por Vô Vicêncio à Ponciá, o qual presenciou e sentiu no corpo as dores da escravidão, o mote principal da narrativa. A herança, que é a recriação do avô em sua neta, traz implícita nesse processo simbiótico doloroso o resgate da história tão sofrida dos negros e negras pela história oficial e pela ficção, além de uma mensagem de chamamento à luta, “porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino.” (PV, p. 130). Esta mensagem é transmitida pelo entendimento e consciência de ser negro por Luandi, irmão de Ponciá.

Ao presenciar a transformação de Ponciá em Vô Vicêncio, Luandi compreende “que sua vida, um grão de areia no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas.” (PV, p. 131). Com esse discurso, sem fazer muita gritaria, a voz da autora ecoa, clamando a comunidade negra a se assumir perante si mesma e perante a sociedade, na luta por reconhecimento. Entretanto, o fortalecimento da identidade negra pressupõe, antes de qualquer coisa, “a superação de todas as formas de discriminação, estigma, estereótipo e preconceito que impedem o desenvolvimento pleno da população negra”, como nos diz Maria Palmira da Silva (2005, p. 43), e isso passa primeiro pela educação, para que os afro-descendentes possam ter oportunidades iguais às dos brancos.

## **2 – O sabor doce e amargo do “leite do peito”**

A obra *Leite do peito* estrutura-se em torno das diversas situações vivenciadas pela menina negra Geni no seu processo de crescimento nos espaços privado e público. Porém, a partir do contato efetivo da protagonista com o “mundo dos brancos”, na escola, é que ela começa a descobrir o que os brancos podem e os negros não, como no caso da coleguinha branca que ia sem fazer a higiene matinal e quando questiona à mãe a respeito, esta responde “ela é branca”. A escola é também o espaço do confronto de seu saber sobre os negros e o saber oficial. O seu primeiro saber traz a figura emblemática de Vô Rosária, similar ao Vô Vicêncio, de *Ponciá Vicêncio* e, como este, funciona como um elo entre o presente e o passado. Diferente do Vô Vicêncio e o pai de Ponciá, que encarnam um passado vivido e assimilado pelos seus descendentes, Vô Rosária é apresentada como uma

exímia contadora de histórias sobre a escravidão.

Nhá Rosária era uma velha senhora negra que morava noutra fazenda com uma família de fazendeiros. Nunca ninguém soube por que razão morava com aquela família, nem qual a sua idade certa.

Uns diziam que tinha 98 anos, outros 112. (LP, p. 46)

Esses detalhes são importantes para o leitor adulto a fim de que este tenha a percepção da “escravidão branca”, ou seja, liberto por Lei, o escravo permanece escravizado, ou por meio de artifícios, como visto antes, ou por falta de opção, pois se supõe que não haja mais ninguém por perto de sua família. Para as crianças os detalhes oferecem a oportunidade de mergulhar em “suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas da idade [Vó Rosária] que [tomam] parte na sua socialização” (ECLÉA BOSI, 1994, p. 73). Esta forma de rememorar o passado pela tradição da oralidade mantém viva a herança cultural de qualquer raça, principalmente não letrada, em que ficção e realidade se coadunam para que ninguém perca suas referências. Prática hoje perdida, pode-se dizer em virtude dos meios de comunicação de massa. Testemunhos de pessoas como Vó Rosária são muito convincentes, em particular para as crianças, pois partem da visão daquele que viveu o fato narrado, o que lhe credencia autoridade discursiva.

Certa vez, Vó Rosária narrou a comemoração dos escravos após a assinatura da Lei Áurea:

... e só com um risco que fez no papel, libertou todo aquele povaréu da escravidão. Uns saíram dançando e cantando. Outros, aleijados por algum sinhô que não foi obedecido, só cantavam. Também bebida teve a rodo, para quem gostasse e quisesse. (LP, p. 46-47)

Nessa frase – “aleijados por algum sinhô que não foi obedecido, só cantavam” – a autora revela ao leitor o que a história oficial esconde: as mutilações não apenas psíquicas, mas físicas. Contudo, para a menina Geni só um aspecto sobressai, a liberdade dos escravos, concedida com uma simples assinatura. Ela ficou tão encantada depois de saber que foi a Princesa Isabel a responsável pela libertação dos escravos, considerando-a uma santa. Mais tarde, ao indagar sobre a santidade da Princesa, recebeu a confirmação dos pais – “\_\_\_ Só haveria de ser, filha – disse meu pai. / \_\_\_ Das mais puras e verdadeira – confirmou minha mãe” (LP, p. 47). Menininha às vésperas do início da frequência às aulas, Geni ainda estava na fase em que se acredita que os pais são os donos absolutos da verdade. Assim, passa a admirar a Princesa Isabel por sua benevolência em libertar os escravos, como se verifica no fragmento abaixo:

Rezei três Pai-Nossos e três Ave-Marias. Ofereci à Santa Princesa Isabel, pedindo-lhe que no dia seguinte não me deixasse perder a hora de me levantar nem esquecer o nariz sujo. Agradei também por ter sido tão boa para aquela gente da escravidão. Deitei-me, formulando uns versinhos na cabeça. Quando soubesse ler e escrever (que ela ia me ajudar), escreveria no papel e recitaria na escola. (LP, p. 48)

No ano seguinte, finalmente, o poema em homenagem à Princesa Isabel ficou pronto e surge uma ocasião para apresentá-lo ao público: 13 de maio em uma festinha. A professora perguntou à classe quem queria recitar no evento e Geni levantou sua mão que,

“tímidamente Luzia negritude em meio a cinco ou seis mãozinhas alvas, assanhadas” (LP, p. 59). Excluída, inicialmente, Geni não perdeu a oportunidade e, cheia de coragem, aborda a professora: “\_\_\_ Dona Cacilda, eu tenho aquela [a poesia] que eu fiz outro dia, que eu mostrei pra senhora e a senhora chamou o diretor e ele falou parabéns e eu deixo ela mais grande...” (LP, p. 59). Geni ficou desesperada depois que a sua professora aceitou a participação dela no recital porque teria que ampliar o poema pronto de uma estrofe, mas conseguiu seu intento. Até este momento da narrativa, a personagem ainda não tem consciência plena do preconceito contra sua raça negra, mesmo sendo ela minoria na sala de aula e estudando com uma professora aparentemente preconceituosa contra negros, pois Geni teve que insistir com ela para conseguir uma vaga entre as crianças brancas declamadoras. Porém, no dia da apresentação do poema que carinhosamente elaborou para homenagear a Princesa Isabel, viveria uma de suas piores experiências enquanto menina negra.

No dia da festa, houve aula até a hora do recreio. Durante a aula, a professora Cacilda se pôs a falar sobre a data que estariam comemorando:

\_\_\_ Hoje, comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar e, pelos serviços prestados, nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados, às vezes, até a morte. Quando... (LP, p. 62).

Ouvir o discurso da professora sobre seus antepassados causa certo desconforto na menina Geni, pois ela percebe que a narrativa de dona Cacilda não conferia com a que fizera a Nhá Rosária, pois “[aqueles] escravos da Vó Rosária eram bons, simples, humanos, religiosos. Esses apresentados então eram bobos, covardes, imbecis. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos.” (LP, p. 62).

As consequências do confronto entre os escravos na visão da negra Rosária e os escravos na concepção da professora branca dona Cacilda ferem e deixam cicatrizes na alma da menina Geni. Após o recreio, totalmente decepcionada e revoltada com sua raça, pois acredita no saber da professora, com mais conhecimento do que Vó Rosária, analfabeta, conclui que

Vinha mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feito cães. Justo era mesmo homenagear Caxias, Tiradentes e todos os Dons Pedros da história. Lógico. Eles lutavam, defendiam-se e ao seu país. Os idiotas dos negros, nada.  
Por isso que meu pai tinha medo do seu Godoy, o administrador, e minha mãe nos ensinava a não brigar com o Flávio. Negro era tudo bosta mesmo. Até meu pai, minha mãe. (LP, p. 64)

Após estas reflexões a menina Geni decide não se apresentar no recital. A professora não deu a menor importância pela desistência da menina ou pela causa da mudança de humor dela, que outrora tinha demonstrado tanto empenho em se apresentar naquele recital; apenas lhe prometeu evasivamente que em outra festa ela recitaria. Entretanto, prometer à Geni que na próxima festa tudo se resolveria, não lhe trouxe nenhum conforto. “Não era como o leite que, derramado, passa-se um pano sobre e pronto”. O que estava jorrando dentro de Geni era sangue e “como estancá-lo lá dentro, onde a ferida aberta era um silêncio todo

meu, dor sem parceria?” (LP, p. 63). Tudo isso era, para a menina, a morte de crenças tão carinhosamente armazenadas; era, inconscientemente talvez, o despertar para o mundo branco dos preconceitos racistas.

Na visão da professora, representante oficial do poder constituído sobre a história dos negros, a autora (des)vela para o leitor um dos mecanismos utilizados pelo poder dominante para destruir o respeito ao valor às raízes negras e conseqüentemente a auto-estima de cada negro ou afro-descendente, como ocorreu com a menina Geni, ou seja, trata-se de um dos processos para materialização da inferioridade do negro.

O martírio da Geni continuou em casa, depois da volta da escola. O almoço da menina estava em cima do fogão. Depois que ela almoçasse, deveria lavar “o prato lá na vasca” porque todos já haviam feito a refeição e a mãe de Geni já estava “indo lavar os trens”. A protagonista, fingindo ingerir seu almoço, separou “os grãos de feijão preto com o cabo da colher” e jogou-os “no meio das labaredas que mantinham aceso o fogo do fogão”. Jogar os “grãos do feijão preto” fora do prato é um indício do ódio que Geni estava sentindo de seu povo e, também, de algo que ela fará consigo mesma, logo a seguir. As mulheres da zona rural, à época, utilizavam um pó proveniente da trituração de tijolos para fazerem brilhar os alumínio. Enquanto reparava sua mãe tirando o carvão grudado no fundo da panela, Geni teve a ideia de tirar o negro de sua pele com o tal produto:

Assim que ela [a mãe] terminou a arrumação, voltou para casa. Eu juntei o pó restante e, com ele, esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei, e vi que, diante de tanta dor, era impossível tirar todo o negro da pele. / Daí, então, passei o dedo sobre o sangue vermelho, grosso, quente, e com ele comecei a escrever pornografia no muro do tanque d’água. (LP, p. 66)

O sofrimento impingido pela professora, desconstruindo um fato que supunha verdadeiro, levou Geni ao que serviu, ainda mais, para ela perceber que sua cor de pele sempre causaria desconforto aos outros e quando fosse o contrário, poderia no máximo despertar a piedade deles, mas que não havia como fugir de sua marca identitária. Suas feridas foram cuidadas por sua mãe, através de uma infusão de erva. Uma semana depois, só uns riscos na perna denunciavam a violência contra ela mesma. “Só ficaram as chagas da alma esperando.” (LP, p. 66). Estas ainda perdurarão por muito tempo, não só em Geni como também na maioria dos afro-descendentes.

### 3 – Reflexos da Diáspora Africana em *Ponciá Vicêncio* e em *Leite do Peito*

Em **sentido lato** alguns dicionários da Língua Portuguesa, como o de Antenor Nascentes, trazem como significado de **Diáspora** a dispersão dos judeus, no correr dos séculos, depois da tomada de Jerusalém por Tito. Nei Lopes, em sua *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* (2004, p. 236), ampliou este significado e, em **sentido restrito**, atribui a este termo, também, a “desagregação que, compulsoriamente, por força do tráfico de escravos, espalhou negros africanos por todos os continentes”. Dessa forma, a Diáspora Africana, segundo o autor, compreende dois momentos principais. O primeiro, com origem no comércio escravo, o qual dispersou os povos africanos tanto através do oceano Atlântico quanto do Índico e do mar Vermelho, a partir do século XV. O segundo



momento, a partir do século XX, com a imigração, principalmente para a Europa, em direção às antigas metrópoles coloniais. Ainda de acordo com Nei Lopes, o termo Diáspora designa, por extensão de sentido, os descendentes africanos nas Américas e Europa e o rico patrimônio cultural que construíram.

A dispersão do povo africano em terras brasileiras ocorreu em dois momentos. No primeiro, através do comércio cujo produto de venda era o escravo e no segundo, a partir das leis que, paulatinamente, iam libertando os escravos, o que se efetivou com a Lei Áurea, em 1888, sendo esta responsável pela dispersão de muitos ex-escravos da zona rural para as periferias das cidades, onde viveriam em permanente pobreza sócio-econômica. Assim, ignorados enquanto seres humanos, no primeiro momento, os escravos eram tidos como produtos valiosos no mercado escravocrata. Segundo o escritor Laurentino Gomes (2007, p. 242-243) o

Tráfico de escravos era um negócio gigantesco, que movimentava centenas de navios e milhares de pessoas dos dois lados do Atlântico. Incluía agentes na costa da África, exportadores, armadores, transportadores, seguradores, importadores, atacadistas que revendiam no Rio para centenas de pequenos traficantes regionais, que, por sua vez, se encarregavam de redistribuir as mercadorias para as cidades, fazendas, minas do interior do país. Esses pequenos traficantes varejistas eram conhecidos como comboieiros. Em 1812, metade dos trinta maiores comerciantes do Rio de Janeiro se constituía de traficantes de escravos. Os lucros do negócio eram astronômicos. Em 1810, um escravo comprado em Luanda por [70.000 réis], era revendido no Distrito Diamantino, em Minas Gerais, por até [240.000 réis], ou três vezes e meia o preço pago por ele na África. O comprador ideal tinha outro escravo, que servia de garantia no caso do não pagamento da dívida. Só em impostos, o Estado recolhia cerca de 80.000 libras esterlinas por ano com o tráfico negro. Seria hoje o equivalente a 18 milhões de reais.

Depois de espalhados por várias cidades, fazendas e minas do interior brasileiro, os escravos continuavam passando pelo processo violento da diáspora, que consistia na **desafricanização** dos mesmos, iniciada antes de seus embarques nos navios negreiros, como visto anteriormente, e que atingia não só os africanos dispersos, mas também seus descendentes, no segundo momento mencionado. Entretanto, este processo não se efetivava plenamente nem antes e nem depois da libertação dos escravos, pois, com a mescla dos povos africanos com o povo brasileiro, o qual já era proveniente da mistura, geralmente, do povo indígena com o português, ocorria outro fenômeno social: a **aculturação**. Este processo diz respeito ao contato direto e indireto de grupos de indivíduos de culturas diferentes e a assimilação de seus elementos culturais, ou seja, a interpenetração de culturas<sup>3</sup>, embora mantendo suas identidades étnicas.

É visível a contribuição dos povos africanos na formação da sociedade brasileira. Assim, não há como negar a participação dos escravos nesse processo, afinal eles foram importados de suas terras natais durante quatro séculos. Logo, a interpenetração de culturas era inevitável. Dessa forma, os escravos mantiveram no Brasil algumas de suas tradições

---

<sup>3</sup> Este conceito é uma junção de vários significados de **aculturação**, feita por mim, a partir da consulta em vários dicionários, como o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascente; *Dicionário Brasileiro Globo*, de Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, F. Marques Guimarães, dentre outros.

em diversas atividades, tais como **econômica**: agricultura; **artística**: artesanato, folclore, música, dança; **medicinal**: cura por ervas medicinais, benzimentos e **gastronômica**: angu, doces de frutas; dentre outros. Os reflexos dessas Diásporas Africanas são retratados, com algumas exceções, tanto por Conceição Evaristo, em *Ponciá Vicêncio*, quanto por Geni Guimarães, em *Leite do Peito*, como se verá a seguir.

Nei Lopes relaciona em sua *Enciclopédia* vários elementos da Diáspora Africana. Assim, ele cita, dentre outros, o artesanato, a culinária, o folclore, a medicina tradicional, a música e a dança.

O autor informa que o **artesanato afro** é feito em madeira, palha, cerâmica, metais etc., em geral recriados a partir de uma estética africana. Esta Diáspora tem mais destaque em *Ponciá Vicêncio*, representada pela cerâmica, que em *Leite do Peito*, pois se constitui em um dos meios de subsistência da família da protagonista. Ponciá e sua mãe, Maria Vicêncio, são artesãs e fabricam utensílios domésticos, bichinhos, entre outros objetos, tendo como matéria-prima a argila.

Os africanos foram responsáveis pela introdução, na **culinária brasileira**, de ingredientes como o azeite-de-dendê, o camarão seco, a pimenta-malagueta, o inhame, bem como folhas diversas, utilizadas no preparo de iguarias, molhos e condimentos. Segundo o autor da *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana* (2004, p. 221), a “tradição culinária africana mais influente no Brasil tem suas origens na região do golfo de Benin (Nigéria, Benin etc)”, a qual “se faz mais acentuadamente presente no litoral nordestino”. Estes últimos elementos culinários, com raras exceções, são os mais recorrentes nas refeições das personagens das duas obras em estudo.

Com relação ao **folclore**, Nei Lopes utiliza a mesma denominação que outros dicionaristas se valem, ou seja, “o conjunto de costumes, crenças e técnicas tradicionais de um povo”, transmitidas através de gerações pelos relatos, provérbios, enigmas, canções e a partir da experiência cotidiana. Quanto às expressões culturais negras, o autor atenta para o fato de a folclorização<sup>4</sup> costumar, a partir de uma perspectiva eurocêntrica, ressaltar seus aspectos exteriores, pitorescos, para mascarar as condições em que essas manifestações são produzidas, sempre à margem da produção cultural dominante, e, assim, ocultar seu papel de agente transformador. O folclore, nas obras *Ponciá Vicêncio* e *Leite do Peito*, é retratado através de credices populares, superstições e brincadeiras.

A **medicina tradicional africana** está ligada à ideia do ser humano como um elo na cadeia das forças vitais. Assim, a cura é expressa na unidade corpo-espírito. Daí a importância, na África e na Diáspora, do curandeiro, médico e ritualista, o qual, conhecedor das propriedades medicinais das plantas, dos extratos de animais etc, os utiliza em rituais que envolvem a palavra falada ou cantada para curar as doenças do corpo e da alma das pessoas. Junto a isto, a medicina tradicional africana desenvolveu, ao longo dos séculos, ações terapêuticas (emplastos, infusões, etc.), métodos de cura bastante difundidos nas “rezas” e “benzeduras” da Diáspora<sup>5</sup>. Esta é bastante salientada tanto em *Ponciá Vicêncio*

<sup>4</sup> Com relação aos produtos culturais de origem Africana, o termo “folclore” é muitas vezes mal empregado, com utilização quase sempre servindo a um recalçamento dessa produção em função de uma suposta superioridade da chamada “cultura erudita”, de base eurocêntrica. A esse tipo de recalçamento dá-se o nome de folclorização. (LOPES, Nei. Op. cit., p. 280)

<sup>5</sup> Cf. LOPES, Nei. Op. cit., p. 432.

quanto em *Leite do Peito* pela Conceição Evaristo e pela Geni Guimarães, respectivamente. Na primeira obra, a curandeira é a Nêngua Kainda enquanto que na segunda, são Chica Espanhola e dona Sebastiana, mãe da protagonista. Entretanto, na Colônia em que viviam, as orientações espirituais e medicinais de Chica Espanhola eram mais requisitadas que as de Sebastiana, como se verificou na obra em estudo.

É por meio da música, também, que a tradição africana celebra sua alegria de viver, seu refinamento nas ocasiões solenes, sua religiosidade, seu vigor no trabalho. Segundo Nei Lopes, **a música africana** está presente em todas as fases do trabalho agrícola – na caça, na pesca, na agricultura – e em cada etapa da vida humana. Esta Diáspora aqui abordada, assim como a anterior, ocorre mais em *Ponciá Vicêncio* que em *Leite do Peito*.

A **dança africana** é outro elemento forte da Diáspora. De acordo com Nei Lopes, os povos da Diáspora recriaram tradições coreográficas africanas, desenvolvendo, principalmente nas Américas, grande variedade de danças profanas, como por exemplo, o samba, a rumba, o mambo, o calipso, a conga, etc. Já no âmbito religioso, as danças dos orixás no candomblé são extremamente ricas, bem como aquelas realizadas em honra de outros tipos de divindade, nos diversos cultos afro-americanos. Há pouca referência a esta Diáspora em ambas as obras em análise.

## Conclusão

Todas as ocorrências da Diáspora Africana citadas anteriormente, bem como os enredos recheados com a releitura do período escravocrata somados a personagens verossímeis com os afro-descendentes do mundo real, comprovam que o elemento afro serviu mesmo como tempero no preparo dos ingredientes narratológicos de *Ponciá Vicêncio* e de *Leite do Peito*, o que resultou em narrativas saborosas de serem lidas por quaisquer leitores, independente de etnia, comprovando, assim, que a escrita da Conceição Evaristo e da Geni Guimarães é comprometida etnograficamente.

A construção dos universos diegéticos de *Ponciá Vicêncio* e de *Leite do Peito* vai além do fazer literário com finalidade única de entretenimento e atinge um fim didático de revisão da história oficial da escravidão. As suas respectivas autoras, ao recriarem a mundividência do negro escravizado e do afro-descendente aparentemente livre, ratificam para o leitor as atrocidades e sequelas de um período marcado pelas lágrimas de sofrimento e dor, pelo suor expelido nas lavouras ou a casa-grande proveniente da lida diária e pelo sangue derramado no pelourinho de um povo que foi e ainda continua sendo forçado a se sentir inferior aos brancos em nossa sociedade, principalmente devido ao estigma da cor da pele negra.

As personagens de ambas as obras, dotadas de uma surpreendente dimensão humana, são capazes de despertar a vontade, em qualquer leitor, de querer reparar as consequências desastrosas e imensuráveis do processo escravocrata brasileiro para os afro-descendentes. Assim, a literatura de Conceição Evaristo e Geni Guimarães alcança, também, um fim social, pois, de certa forma, fazem com que o leitor reflita e reavalie suas verdades sobre a escravidão negra no Brasil e ao mesmo tempo provoca nesse leitor o amor ao próximo e o desejo de construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos, livre de diferenciações pela cor da pele ou nível sócio-econômico. É assim que percebo estas

obras, depois de ter noção geral dos seus elementos narratológicos misturados ao elemento afro pelas mãos criativas de suas autoras.

### **Referências Bibliográficas**

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paul Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção tópicos)

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. **A paz das senzalas**: famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c. 1790 – c. 1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49 ed. rev. São Paulo: Global, 2004.

GOMES, Laurentino. **1808**: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

GUIMARÃES, Geni. **Leite do peito**: contos. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

SILVA, Maria Palmira da. (org.). **Racismo no Brasil**: percepções da discriminação e do preconceito no século XXI. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 55-62.